

AS POTENCIALIDADES DAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Edenilton da Silva Muniz¹

Eixo temático: 6. Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma discussão das potencialidades das tecnologias no processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental. A partir da análise e discussão foi possível perceber que utilização das tecnologias apresentam fragilidades no processo de ensino e aprendizagem, ainda sendo muito usuais no contexto escolar, mas ainda a prática pedagógica precisa inovar e rever suas metodologias. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com destaque na pesquisa bibliográfica, à luz de abordagens teóricas dos estudos como Soares (2002), Vygotsky (2000), Kenski (2011) e Sibilia (2012). Com isso, destaca-se que a tecnologia utilizada nas atividades de estudos dos sujeitos de aprendizagem no processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental, consolida com a prática pedagógica inovadora e novas possibilidades de aprendizagem que potencializam a apropriação do conhecimento, assim como elevar a qualidade de um ensino democrático.

Palavras-chaves: Alfabetização; Ensino-aprendizagem; Tecnologia

Introdução

Com o advento das tecnologias digitais na educação, as ações sobre o ensino apresentam muitos desafios, inovações, possibilidades e um novo olhar acerca da aprendizagem dos sujeitos². A sociedade está em rede, estamos com o corpo conectado nos espaços formais e informais. A internet e o acesso aos dispositivos móveis têm trazido uma (re)visão sobre as práticas pedagógicas, ou seja, não é mais possível ignorar tais características acompanhadas e produzidas socialmente movidas para o ensino.

O objetivo deste artigo é apresentar discussões sobre as potencialidades das tecnologias no processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental. Desse

¹ Mestre em Educação pela Universidade Ibero-americana Internacional (UNINI) Porto Rico. Supervisor Escolar da Educação Básica do Município de Balneário Camboriú, SC. Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Contato: edeniltonmuniz@gmail.com

² Nesta pesquisa, optou-se por fazer uso do termo “sujeito(s) de aprendizagem” ao referir a “aluno”, conforme considera a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017 (BRASIL, 2017).

modo, caberá identificar os recursos utilizados pedagógicos tecnológicos que os professores mais fazem uso no espaço privilegiado de apropriação do conhecimento, sendo essa, a escola como instituição eminente para formação humana e democrática. Com isso, destaca-se a importância do uso das diferentes tecnologias como inovação no processo de alfabetização dos anos iniciais, por outro lado, discutir as fragilidades encontradas no ensino e aprendizagem.

Propõe-se apresentar o atual cenário com o qual nos relacionamos. Desde a década de 1990, a educação brasileira tem a necessidade de uma nova perspectiva para rever o ensinar e aprender. Assim sendo, Silva e Campos (2010) explicam que o uso das tecnologias da informação e comunicação nas escolas é uma introdução ao acesso midiático à informação e um meio de representar o conhecimento. Os autores ressaltam que se deixou de considerar os obstáculos suscitados na implementação das tecnologias no sistema educacional público com relação ao processo formativo dos professores, a formação humana dos sujeitos de aprendizagem na perspectiva crítica e transformadora da realidade social.

Por esse motivo, esse tema escolhido ocorreu pelo fato dos sujeitos de aprendizagem e seres históricos culturais e sociais desse tempo, ou seja, do século XXI, apresentarem uma típica familiaridade com a internet, bem como com outros tantos recursos e possibilidades digitais. No entanto, a escola representa um espaço de formação de todos os sujeitos que se envolvem no processo pedagógico, os professores e a própria comunidade escolar fazem parte desse processo. Sendo assim, essa relação com as tecnologias da informação e comunicação promove a inovação das aulas no processo de alfabetização e apropriação dos objetos de aprendizagem necessários para uma vida social que atenda às necessidades do momento que se vive.

Paralelamente, o foco desta pesquisa é uma reflexão relativa à utilização das tecnologias que assumem um papel fundamental na relação com os sujeitos de aprendizagem, em que a cultura digital faz a mediação na construção do pensamento, desenvolvendo capacidades humanas e conhecimento sofisticado a partir da prática pedagógica dos professores. Essa utilização precisa ser intencional, capaz de produzir experiências e senso crítico, como também deve tirar o máximo proveito das ferramentas tecnológicas, considerando um meio digital, permitindo potencializar e criar novos conhecimentos.

A hipótese desta investigação, sinalizou que o uso das tecnologias denota novas proposições na prática educativa e no processo de alfabetização, no entanto, os elementos constituintes dos recursos pedagógicos tecnológicos precisam ser selecionados de modo que façam sentido, significado e função social no processo de alfabetização.

Quanto ao enfoque metodológico, foi utilizado a pesquisa bibliográfica, na perspectiva de identificar os objetivos propostos, tendo como cunho qualitativo, observou-se criteriosamente as escolhas de produções intelectuais, rigor teórico, periódicos acadêmicos que se relacionam com tema e os objetivos proposto, ratificam os autores Marconi e Lakatos (2006, p. 71) que “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob um novo enfoque ou abordagem, chegando à conclusões inovadoras”. Para isso, utilizaram-se discussões à luz de autores como Soares (2002), Vygotsky (2000), Kenski (2011), Sibilia (2012), entre outros, que contribuíram sobre as novas perspectivas e potencialidades das tecnologias na apropriação da leitura e escrita, com vistas no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, ou seja, das capacidades humanas de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.

Nesse formato investigativo bibliográfico, a relevância deste estudo pode contribuir para o aprofundamento de futuras pesquisas na área da tecnologia da informação e comunicação com foco na alfabetização, possibilitando um olhar crítico e reflexivo na emancipação dos sujeitos, identificando as fragilidades no contexto da escola, no sistema educacional e no investimento do processo formativo docente.

Nesse entendimento, constata-se que muitos professores, crianças e adolescentes são usuários de tecnologias, consomem e se relacionam com elas, mas ainda precisam compreender seu papel intrínseco e extrínseco na educação e percebê-la como uma aliada. Entender qual é a lógica desse algoritmo o qual usamos diariamente, pois hoje somos sugestionados pela tecnologia sem perceber. Nessa relação, as aulas precisam ser convidativas e atrativas com novas possibilidades pedagógicas tecnológicas como o uso de internet, smartphone, computadores, lousa digital, televisão entre outras ferramentas que fazem parte do entretenimento dos sujeitos do século XXI.

As potencialidades tecnológicas do processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental

As Tecnologias da Comunicação e Informação vêm transformando e inovando o ser humano, envolvendo todos os sujeitos de ensino, os professores e os sujeitos de aprendizagem, na educação. Essa dimensão tem sinalizado aos atores da educação que o modo de ensinar atual precisa ser superado para acompanhar o modo de aprender. Nos últimos anos, essa evolução de inovação está muito presente, seja nos relacionamentos com um novo modelo de sociedade ou de conectividade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), promulgada em 2017, pretende assegurar em todo percurso formativo dos sujeitos a aprendizagem e o desenvolvimento integral, ou seja, uma formação humana visando à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Desse modo, de acordo com o documento:

[...] a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. (BRASIL, 2017, p. 113).

Historicamente, estamos situados por alguma interatividade, e a internet é uma fonte primordial para a interação entre pessoas, pois permite a construção do conhecimento entre os sujeitos. As tecnologias ao longo da história vêm rompendo com paradigmas, sinalizando a importância de recursos tecnológicos no contexto das instituições de ensino e em espaços informais de aprendizagem.

Para Kenski (2011) a amplitude da tecnologia permite entender a criatividade e originalidade do cérebro humano onde possibilitou criar em diferentes momentos históricos, suas maneiras de utilização e aplicação. Com isso, Libâneo (2007) afirma que para promover a qualidade da aprendizagem, a escola precisa estabelecer metas, ações e organização pedagógica.

A instituição de ensino desde a revolução tem um atendimento de reprodução fabril de corpo, a partir de um sistema perverso, em que, muitas vezes, os professores são vistos como vilões desse sistema, passivos aos interesses políticos, e não para a emancipação do sujeito, que seria o objetivo central de uma educação na perspectiva de formação humana e integral. Nessas condições, precisamos nos questionar sobre que conhecimento deve ser ensinado na escola e quais os interesses paralelos frente a essa prática educativa.

Disponibilizar novos equipamentos nas instituições de ensino e investir no processo formativo de professores, não significa que as novas tecnologias serão utilizadas para elevar a qualidade do ensino e para a formação do pensamento. Observa-se, em muitos casos, que há uma inovação conservadora, do tipo tapa-buracos, instrumental, pois os novos recursos acabam sendo empregados apenas para substituir os antigos recursos, como os livros, o quadro, o papel e a caneta, por exemplo. Não há mudanças na configuração da escola, do professor, do sujeito de aprendizagem ou da família, apenas camuflam as velhas metodologias de ensino com as tecnologias (projetores multimídia, computadores, vídeos,

quadros digitais etc.), que acabam sendo muito mais valorizadas por seu potencial sedutor do que pelo próprio poder de mediação que oferecem.

Nesta perspectiva, a implementação de práticas pedagógicas tecnológicas no processo de alfabetização como referência curricular, faz-se necessário a contextualização e produção de um currículo em movimento o que implica em uma nova forma de conceber o processo de aquisição da leitura e da escrita, tendo em vista a democratização do ensino.

Podemos destacar as contribuições de Saviani (2000) que denominou de “curvatura da vara” sobre o ensino da escrita. Sendo assim, aprender a escrever não se limita à compreensão do sistema de escrita alfabética, uma vez que implica também na apropriação de aspectos de gêneros do discurso, pois origina-se uma prática que potencializa a função social da escrita.

Em vista disso, Soares e Batista (2005, 53) explicam que “[...] os sons é uma condição para o uso da linguagem escrita, esse uso também é uma condição para a alfabetização, o aprendizado das relações entre as letras e os sons da língua”. Por isso, é preciso atentar-se para as necessidades desse momento histórico, com resiliência para lidar com dilemas e desafios da humanidade e da condição humana desses sujeitos do século XXI, desenvolvendo novas possibilidades de instrumentalizar a prática pedagógica tecnológica e um ambiente que de fato seja alfabetizador com “[...] registro de rotinas, uso de etiquetas para organização do material, emprego de quadros para controlar a frequência e saber como é usada em práticas sociais (organizar a sala de aula, fixar regras de comportamento na escola, transmitir informações, divertir, convencer”, como exemplifica Soares e Batista (2005, p. 53). Desse modo, potencializando a atenção voluntária, a percepção, a memória, a consciência, a fala, o pensamento elaborado, a emoção entre outras funções psíquicas.

Quando o assunto é alfabetização, é preciso pensar sobre o currículo que está sendo conduzido na sociedade do século XXI e que aos poucos toda aparelhagem vai se tornando incompatível com os corpos e as subjetividades dos sujeitos de aprendizagem desse tempo que vivemos. Nesse sentido, explica Sibilia (2012) que, a escola seria, então, uma máquina antiquada. O processo de alfabetização está permeado de novas tecnologias da comunicação, no entanto é preciso refletir sobre a função social da leitura e escrita sem uma perspectiva escolarizante, de modo a apresentar o significado real na sociedade em que seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI.

Não é possível negar a incompatibilidade desses corpos subjetivos no século XX, que estão inseridos na escola e no universo midiático. Percebe-se, então, que educação e tecnologia são indissociáveis, e que as possibilidades de apropriação do conhecimento

tecnológico em ambientes escolares e o envolvimento dos sujeitos de aprendizagem nas redes sociais é cada vez mais evidente (Kenski, 2014). Se estamos todos em rede, é basilar ocupar esse espaço da escola frente ao conhecimento, pois, como afirma Kenski (2014, p. 44), “[...] existe uma relação direta entre educação e tecnologias”. Contudo, não basta apenas fazer uso das tecnologias na escola, é preciso criar diagnóstico de aprendizagem e apresentar resultados no ensino.

Feitas essas colocações, assinala-se que a escola desse tempo tem um desafio ainda maior no processo de alfabetização com a utilização das tecnologias da informação e comunicação na escola. Pensando assim, as tecnologias são primordiais para a prática educativa, pois potencializam a aprendizagem, sendo possível aproximar os sujeitos de aprendizagem do conhecimento. Vygotsky (1995) afirma que o desenvolvimento da linguagem escrita faz parte de uma pesquisa histórica, complexa, que se inicia antes de a criança começar suas atividades de estudos na relação com a escrita na escola.

Desse modo, é importante ofertar recursos tecnológicos como câmeras digitais, livros digitais, tablets, celulares, computadores e outros recursos digitais desde as atividades de brincar na educação infantil e potencializar nas atividades de estudos, no processo de alfabetização, essencialmente nos anos iniciais do ensino fundamental, pois nesta fase os estudantes precisam se organizar e entender que a atividade principal é o estudo, ou seja, a relação com outras linguagens sociais. Vygotsky (2000) explica que a linguagem do discurso de forma dinâmica é um pensamento associado à palavra, o que promove a elaboração do pensamento.

O processo de alfabetização não pode ser visto como uma inércia, mas como construção cultural, social e histórica que está em movimento e se transforma conforme as necessidades dos sujeitos na relação dialética com os objetos no tempo que se vive. Soares e Batista (2005, p. 24) explicam a tecnologia “como um conjunto de métodos, processos, instrumentos e técnicas. Chamamos de alfabetização o ensino e o aprendizado de uma outra tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica”. Nessa perspectiva é possível afirmar que educação, alfabetização e tecnologias digitais são indissociáveis, pois se tecnologia serve para informar e comunicar, por que não alfabetizar através dela?

É importante perceber a tecnologia como uma conexão entre a aprendizagem e o momento histórico, pois nessa relação é possível entender os sujeitos de aprendizagem em toda sua complexidade com a leitura e escrita. Chartier (1994) considera o texto apresentado em telas sendo diferente o modo como o leitor se relaciona com a leitura e desenvolve suas capacidades cognitivas, pode-se afirmar que é uma inovação para o desenvolvimento da

escrita. Nesse sentido, os professores têm um papel desafiador no processo de alfabetização, bem como de aquisição da linguagem pelos sujeitos de aprendizagem no uso de recursos pedagógicos tecnológicos. Podemos pensar na elaboração de texto escrito produzido em grupos e que depois o mesmo deve ser digitado, nessa dinâmica é possível identificar pelo próprio grupo ou outros pares, erros de ortografia que não seriam percebidos com uso de outros recursos, por exemplo. Desse modo, essa relação entre alfabetização e tecnologia atribui significado na função social da escrita e na construção do conhecimento.

3 Resultados e Discussão

Sabe-se então, que os professores e sujeitos de aprendizagem são capazes de criar novas possibilidades de ensinar e aprender com o uso das tecnologias digitais ou não; e o papel da escola é potencializar ainda mais o uso das tecnologias e a formação de professores.

Pode-se afirmar na concepção Soares (2002, p. 152) que a tela sendo como um “espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever”.

Infelizmente, nas escolas os conteúdos curriculares ganham uma dimensão tão extensa que acabam com a discussão voltada para a transformação social, sendo submetida ao modelo capitalista caracterizado pela produtividade. Quando se instiga o uso das tecnologias nas escolas, ainda se limita a utilização ferramental, esquecendo-se de que há possibilidades de construção de novas soluções e mobilização de aspectos cognitivos e afetivos que podem modificar a sociedade.

O uso da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental coaduna com a linguagem oral por meio da leitura, pois a escrita é entendida como uma tecnologia que, na história da humanidade foi apresentada com diferentes características na literatura, espaços de debates religiosos, políticos... sendo assim, essa aquisição da leitura e escrita pelos sujeitos de aprendizagem precisa ocorrer de modo significativo e atrativo. Os professores precisam compreender que existem realidades diferentes no acesso ao conhecimento e desigualdades sociais.

4 Considerações Finais

Considera-se que, ao trazer à baila todo rigor teórico da pesquisa bibliográfica no campo educacional, é possível entender a sua incompletude e que a educação e o conhecimento científico estão a todo momento em construção e com novas possibilidades.

As tecnologias digitais e a alfabetização são de suma importância para os sujeitos de aprendizagem na consolidação da leitura e escrita. Nessa direção, o ambiente precisa ser interativo e atrativo. É importante destacar que as políticas públicas e ausência de recursos tecnológicos impedem a integração das tecnologias na escola. Outrossim, verifica-se a importância de investimento de aplicativos e softwares para potencializar o ensino e aprendizagem. Desse modo, poderá contribuir para as futuras pesquisas com vistas na área da tecnologia da informação e comunicação com foco na alfabetização.

O presente trabalho foi muito válido, pois possibilitou buscar fontes teóricas de conhecimento em relação às tecnologias e suas potencialidades no processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental. Portanto, é preciso pensar em um currículo em movimento e para as necessidades do momento histórico, bem como ter resiliência para lidar com dilemas e desafios da humanidade e da condição humana desses sujeitos, desenvolvendo novas possibilidades de ensinar e aprender.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> acessado em 26 de junho.2021.

CHARTIER, Roger. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. **CHARTIER, R. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília, DF: UnB, p. 95-111, 1994.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias o Novo Ritmo da Informação**. 7a ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. Papyrus Editora, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 33. Ed. Campinas: Autores associados, 2000.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 51, 2012.

SILVA, Sidnéia Coelho da; CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. A melhoria da qualidade da Educação na Escola Pública: Desafios ao uso das TIC. **Estudos IAT**, v. 1, n. 3, 2010.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?lang=pt>> Acessado em 26 de junho.2021.

SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Alfabetização e letramento: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 64 p. **Coleção Alfabetização e Letramento**.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. (1995). **Obras escogidas**. Tomo III. Madrid: Visor.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A Construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.